

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE ARTES VISUAIS EM PORTUGAL UM PRINCÍPIO OU O ETERNO RETORNO? PARA UM NOVO RUMO

ANA TUDELA LIMA DE SOUSA

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, PORTO, CASA DA MÚSICA, 2007

Em primeiro lugar, quero agradecer a possibilidade de participar neste painel, que gira em torno de uma problemática que me toca particularmente, e à qual me tenho dedicado, como investigadora, nos últimos dois anos.

A motivação para encetar uma investigação no domínio da formação dos professores de Artes Visuais partiu, simultaneamente, de um interesse pessoal e do reconhecimento da urgência exterior desta reflexão, que pretende contribuir para uma formação dos professores de Artes Visuais de qualidade, geradora de novas práticas educativas no nosso país. Como sublinhou António Nóvoa, em 1992: «Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores.»

De modo muito breve, uma vez que não dispomos de muito tempo, e considero que, para além da apresentação das comunicações, é essencial o debate que a partir delas se construa, irei apenas delinear a estrutura e apresentar as conclusões principais deste estudo.

A Formação dos Professores de Artes Visuais em Portugal, que teve como pano de fundo as entrevistas realizadas a alguns dos principais actores desta formação (entre os quais a Doutora Elisabete Oliveira e a Doutora Madalena Leitão, aqui presentes), para além de apresentar uma retrospectiva sobre esta formação, sugere perspectivas para a sua construção no futuro, dividindo-se em três partes: contexto, enfoque e utopia.

A primeira (contexto) volta-se para o passado para que, a partir daí, seja possível compreender o presente, quer na área do ensino das Artes Visuais, quer na área da formação de professores. A segunda parte (enfoque) centra-se na análise do que se considerou as duas principais modalidades de formação

dos professores de Artes Visuais em Portugal, nomeadamente, as Belas-Artes, relevantes num sentido longitudinal, por todo um percurso no tempo no qual, mesmo sem proporcionarem qualquer formação nesse sentido, foram as únicas “formadoras” dos professores de Artes Visuais, constituindo a sua origem; e as Escolas Superiores de Educação, instituições mais recentes, nas quais esta formação foi realizada de raiz, com uma enorme dilatação no espaço, a nível nacional. A terceira e última parte (utopia) constitui um espaço de reflexão conjunta, do qual se procurou extrair um perfil de professor de Artes Visuais e referenciais para a sua formação. É precisamente esta última parte que será mais aprofundada nesta comunicação, sem contudo deixar de esboçar as conclusões principais das anteriores, que constituem a sua sustentação.

O ensino das Artes Visuais, ao longo da sua história em Portugal, foi continuamente relacionado com a formação dos professores por ele responsáveis, formação essa, frequentemente apontada como o principal motivo para a persistência de práticas educativas ultrapassadas e, simultaneamente, como o impulso necessário a uma sempre desejada, mas dificilmente alcançada, transformação do ensino.

A formação de professores de Artes Visuais em Portugal foi sempre limitada pelas políticas que orientaram a formação de professores, no geral, no nosso país. Se nalguns momentos específicos, a formação de professores ganhou um maior dinamismo, isso deveu-se mais à acção particular de alguns docentes ou ao contexto social e ideológico em que ocorreu, do que propriamente ao estabelecido por lei.

Do mesmo modo que o ensino das Artes Visuais, também a formação de professores foi uma área pouco valorizada ao longo da nossa história, pelo que sofreu os efeitos de um desinvestimento público, o que conduziu a uma formação de professores de Artes Visuais generalista, idêntica àquela realizada por professores de outras disciplinas. Isto teria sido evitado, pelo menos em parte da sua história, se as instituições responsáveis pela formação artística dos professores de Artes Visuais (as Belas-Artes), à semelhança do que aconteceu com outras áreas, tivessem desenvolvido uma formação pedagógica autónoma, de modo especializado, ao invés de dependerem exclusivamente das referidas políticas.

É reconhecido, por alguns dos docentes das Faculdades de Belas-Artes e das Escolas Superiores de Educação, onde se formaram e ainda se formam aqueles professores, que a iliteracia em Artes Visuais, que caracteriza a população portuguesa, deve-se, em grande parte, à formação prestada (ou não), nesse sentido, naquelas instituições.

Se nas Belas-Artes, o ensino artístico sempre foi o principal, senão o único, objectivo, e a formação pedagógica nunca chegou a ser uma realidade, pelo que os professores de Artes Visuais, que nelas se formaram, se viram obrigados a realizar uma formação pedagógica suplementar, normalmente generalista, o que se traduziu na desarticulação entre a formação de base, artística, e a formação pedagógica, por vezes realizada muito tempo depois, numa estrutura dual; nas Escolas Superiores de Educação, onde a formação de professores sempre foi a missão principal, dada a estrutura bivalente dos seus cursos, a componente de formação artística surgiu, muitas vezes, secundarizada, e a vertente educacional, partilhada com áreas tão diversas como o Inglês, a Matemática e a História, raramente adquiriu a especificidade necessária à sua desejável articulação com a Prática Pedagógica, relegada, normalmente, para o último ano. Pelo que concluímos que, embora estes cursos fossem vocacionados para o ensino, acabaram por persistir, nesta formação, os problemas que já haviam caracterizado, anteriormente, a formação de professores em Portugal. De facto, também nos cursos de formação de professores do ensino básico variante EVT, à semelhança da formação pedagógica realizada pelos professores de Artes Visuais licenciados em cursos superiores artísticos, é característica a desarticulação entre a formação artística e a formação educacional, com a agravante da formação artística ser, inevitavelmente, menos desenvolvida, e com a mais valia de, em raros cursos, a formação proporcionar conhecimentos no âmbito educacional específico¹.

Mais do que uma intenção memorialista, o que nos levou a centrar no passado destas instituições, foi a necessidade de compreender os benefícios e limitações das formações que prestaram, para, a partir de uma consciência das suas reais capacidades e meios, ser possível perceber como é que cada uma

¹ Bragança, Coimbra, Portalegre e Setúbal apresentaram disciplinas de Desenvolvimento da Expressão Plástico-Gráfica ou Plástica-Gráfica.

poderá contribuir para uma melhor formação dos professores de Artes Visuais no futuro.

A terceira parte desta investigação procurou contribuir, precisamente, para a construção de uma proposta de formação futura. Esta proposta resulta, por um lado, da intersecção dos perfis e paradigmas descritos ou sugeridos pelos docentes que entrevistámos, que espelham o passado desta formação, mas, simultaneamente, anunciam o seu futuro (e, no fundo, constituem uma perspectiva pública sobre esta formação), e por outro lado, da compreensão que fomos adquirindo ao longo da investigação.

A partir da intersecção das concepções de professor e, especificamente, de professor de Artes Visuais dos docentes que entrevistámos, delineámos alguns perfis, nomeadamente: o professor como *comunicador* e o professor de Artes Visuais como *comunicador humanista*, o professor como *investigador* e o professor de Artes Visuais como *artista*, e o professor como *profissional reflexivo* e o professor de Artes Visuais como *professor-artista reflexivo*.

O primeiro perfil resulta da valorização do conhecimento pedagógico sob um ponto de vista *racional-tecnológico*, mas, curiosamente, no que concerne ao professor de Artes Visuais mantém uma forte ligação com uma vertente humanista e existencial, enquadrando-se num movimento simultaneamente *personalista* e *sócio-reconstrucionista* da formação de professores. Apesar de alguns docentes apenas valorizarem a comunicação sob a perspectiva das técnicas da oralidade, a maioria associa esta qualidade à relação professor-aluno, algo que consideram fundamental nas áreas artísticas, onde o produto do trabalho se relaciona sobremaneira com a pessoa que o aluno é. Para estes docentes, o ensino das Artes Visuais implica uma relação pessoa a pessoa, pelo que o professor de Artes Visuais é alguém que comunica numa relação de grande proximidade e empatia com os alunos.

O segundo perfil resulta de uma valorização da componente artística da formação, isto é, dos conteúdos que o professor ensina, face ao conhecimento didáctico desses conteúdos. Porém, também revela uma concepção de conhecimento como algo mutável, em evolução, e a consciência da necessidade do professor, não só se actualizar constantemente, mas também contribuir para a produção desse conhecimento, logo, evoluindo de um perfil de um simples técnico, de um actor que se limita à reprodução de conteúdos que não vive, para

um perfil de investigador, que, neste caso, exerce actividade como artista, sendo autor dos conhecimentos que transmite. É de salientar que este artista já não se encaixa naquele protótipo de artesão mimético, nem no de artista moderno que, debruçado sobre si mesmo, procura encontrar, inconscientemente, a sua pureza e originalidade, mas antes numa concepção pós-moderna, na qual surge como um investigador, que articula diferentes esferas do conhecimento, contactando com outros profissionais, e contribuindo para a evolução de outras áreas. Relacionada com esta concepção de professor encontra-se ainda a ideia de que os resultados da sua actividade artística podem constituir-se como conteúdos a ensinar, e de que a proximidade do professor com os conteúdos que ensina é benéfica para o aluno, pois possibilita uma aprendizagem mais significativa.

Contudo, se esta investigação é importante, não o é menos a investigação no campo educacional e didáctico das Artes Visuais, uma investigação que resulta da reflexão sobre as práticas educativas não só na acção, mas também antes e após a acção. Assim, o professor de Artes Visuais, para além de ser um investigador na sua especialidade, deve ser um investigador no ensino da sua especialidade, surgindo, no terceiro perfil, como um *professor-artista reflexivo*.

O perfil do professor de Artes Visuais que emana desta investigação é, deste modo, o de um artista (com formação artística de qualidade) que deve ser, simultaneamente, um pedagogo das Artes Visuais (com uma formação educacional específica e prática pedagógica neste domínio).

Para além disso, tanto enquanto artista, como enquanto professor, deve actualizar-se constantemente, através da investigação-acção. Assim, deve ser, por um lado, um investigador das Artes Visuais, alguém com capacidades de produção, de apreciação e de reflexão sobre o seu trabalho e sobre o de outros, revelando uma consciência das Artes Visuais não só ao longo da história, mas também no seu próprio tempo, e, por outro lado, um investigador do ensino das Artes Visuais, alguém que ao praticar este ensino reflecte antes, durante e depois das aulas, dentro e fora da sala de aula, que lê, que observa, que se interessa, que produz conhecimento, e que cruza estes dois mundos, por vezes de costas voltadas, mas que, no fundo, se abraçam.

Este professor deve partilhar as suas investigações com outros investigadores, não só da sua área, mas de outras, que com ela se cruzam, contribuindo para a *eco-compatibilização* (referencial defendido por Elisabete

Oliveira), geradora de mudança, num processo complexo de permanente actualização, no qual as descobertas de uma área se repercutem, como se de um baralho de cartas ou de um dominó se tratasse, nas outras, e todas beneficiam.

Perante este perfil, consideramos que a formação de professores de Artes Visuais deve acontecer nos locais onde a investigação sobre as Artes Visuais tem lugar, onde é necessário que, no futuro, se sedimente uma investigação científica no domínio do ensino das Artes Visuais. Esta tem sido, aliás, a tendência de alguns países como a Alemanha, a Áustria, a Dinamarca, a Espanha, a Finlândia, a Itália, a Suécia e alguns Estados da América do Norte.

Nestes países, os estabelecimentos de ensino superior artístico integram departamentos onde é desenvolvida investigação, e produzido conhecimento, acerca do ensino das Artes Visuais, que não só constituem uma importante fonte de conteúdos da formação pedagógica, mas, simultaneamente, a força motriz da revitalização necessária ao próprio ensino superior.

Mas, como é que esta formação deve acontecer?

Acreditamos que é necessário superar o distanciamento entre «quem faz Arte, o artista, e quem ensina Arte, o professor», é necessário superar «esta dicotomia entre o “fazer” e o “ensinar”, entre a produção e a reflexão sobre o conhecimento gerado neste processo».

Se pretendemos a democratização das Artes Visuais, através do seu ensino, se procuramos que os cidadãos desenvolvam competências naquelas três dimensões propostas no *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (2001), acreditamos que não deve existir qualquer relação de inferioridade entre os professores de Artes Visuais e os artistas. Pelo que advogamos que a formação artística daqueles (que o seu conhecimento das Artes Visuais) seja idêntico ao destes, do mesmo modo que acreditamos que não deve existir uma relação de inferioridade entre os alunos de Artes Visuais do ensino básico e secundário e os alunos do ensino superior artístico. Não deve existir um ensino de Artes Visuais para massas populacionais, nivelado por baixo, e um ensino especial para os que escolhem seguir esta via, apenas a partir da entrada no superior. Os alunos do ensino superior artístico foram anteriormente alunos do ensino básico e secundário, e o efeito de uma formação

insuficiente no domínio das Artes Visuais tanto se reverte nuns como nos outros, sofrendo com isso a produção e a fruição nacionais. Por conseguinte, em todos os graus de ensino, independentemente do destino profissional que os alunos venham a ter, defendemos a mesma exigência e qualidade, adequadas, como é certo, ao seu nível de desenvolvimento. Para que tal aconteça, é preciso que os professores de Artes Visuais beneficiem de uma formação artística plena, isto é, de uma formação onde as múltiplas dimensões do conhecimento artístico interajam, de modo a prevenir a sua falta de preparação no entendimento das Artes Visuais antes de ensiná-las.

A formação artística do professor de Artes Visuais e a formação artística do artista, que actualmente não é concebido como um simples “fazedor”, podem e devem ser idênticas, como foi estabelecido, por decreto, recentemente. Porém, é necessário que a formação deste professor, para além de uma compreensão holística dos conteúdos das Artes Visuais, tanto do ponto de vista da produção, como da fruição e da reflexão, proporcione uma compreensão holística do seu ensino, desde o seu início até aos nossos dias, uma formação educacional que deverá ser articulada com a formação artística.

Só a partir de uma retrospectiva histórica, de abordagem não factual, mas conceptual, integrando conhecimentos noutros âmbitos que se cruzem com o ensino das Artes Visuais, poderá emergir uma compreensão deste ensino no presente, que torne possível uma prática educativa consciente, geradora de novos sentidos no futuro.

É claro que para que esta abordagem ganhe significado e seja articulada com uma prática pedagógica reflexiva, nela devem ser explícitos os modos de ensino das Artes Visuais que corresponderam aos diferentes paradigmas conceptuais, que surgiram ou foram retomados ao longo do tempo, sendo também necessário que, paralelamente, a complementar esta perspectiva, ocorra um aprofundamento não só no âmbito da Psicologia, mas também no da Sociologia do Ensino das Artes Visuais.

Relativamente à Prática Pedagógica, onde tem início a construção de um conhecimento tácito que resulta das primeiras experiências de ensino das Artes Visuais, consideramos que existe toda a vantagem em seja acompanhada e articulada com o conhecimento declarativo que advém das abordagens históricas, psicológicas e sociológicas, entre outras, do ensino das Artes Visuais, mas numa perspectiva de consciencialização das tendências contemporâneas.

Apesar desta articulação não estar prevista neste momento, de acordo com o modelo de formação de professores, legislado recentemente, que separa, à partida, a formação de base, neste caso artística, realizada num primeiro ciclo, e a formação directamente relacionada com a docência, que ocorre num segundo ciclo, julgamos que devem ser criadas disciplinas opcionais no primeiro ciclo, no âmbito daquelas áreas educacionais específicas que mencionámos, às quais os alunos que pretendam vir a leccionar ou a trabalhar em museus ou noutras instituições no domínio deste ensino, possam aceder, ao mesmo tempo que frequentam disciplinas científicas artísticas.

Deste modo, sendo leccionados estes conhecimentos no primeiro ciclo, o segundo poderá caracterizar-se por uma abordagem de carácter investigativo, composto por seminários, nos quais se debatam temas contemporâneos respeitantes aos diversos conhecimentos que integram uma formação de professores de Artes Visuais, e com uma forte articulação com a Prática Pedagógica, que concordamos que tenha uma dimensão significativa e progressivamente maior ao longo desta formação, tal como está previsto nos actuais Mestrados em Ensino.

Independentemente da estrutura que a formação de professores viesse a adquirir, Manuela Esteves, no final de 2006, considerava que o importante era «assegurar a efectiva articulação e integração dos saberes diversos de que um professor tem que ser portador». De facto, algo que, infelizmente, sempre caracterizou a formação dos professores de Artes Visuais, salvo raras excepções (entre as quais a *formação em serviço* na Universidade de Lisboa, na qual a Doutora Elisabete Oliveira desempenhou uma acção notável, e a formação realmente integrada de raros cursos de formação de professores do ensino básico variante EVT), foi a desarticulação entre, por um lado, a formação artística e a formação pedagógica, eminentemente generalista, e, por outro, entre as componentes teórica e prática da formação pedagógica.

Num momento em que a formação de professores deixou de se confrontar com a pressão de preparar rapidamente um número elevado de professores, urge investir em mudanças qualitativas neste domínio.

Assim, e para que a formação de professores de Artes Visuais comece a aproximar-se dos desígnios contemporâneos da formação de professores e do ensino das Artes Visuais, julgamos essencial que funcione em estabelecimentos

de ensino superior, onde seja seriamente desenvolvida investigação na área da especialidade – Artes Visuais – e na área de ensino da especialidade – ensino das Artes Visuais –, onde estas se articulem e tenha lugar uma verdadeira dinamização e revitalização do conhecimento neste domínio, através da criação de centros especificamente vocacionados para a investigação, a formação de professores e a divulgação do ensino das Artes Visuais.

A formação de professores é condição essencial não só ao desenvolvimento do ensino básico e secundário das Artes, mas também à revitalização do ensino superior artístico e, numa perspectiva mais alargada, à evolução da Artes e à superação da iliteracia artística.

É urgente a adopção de um paradigma de formação de professores de Artes Visuais em Portugal, no qual as dimensões artística e educacional específica tenham lugar, e se interliguem, dando origem a um perfil de professor como profissional reflexivo, não apenas nos âmbitos restritos das Artes Visuais ou do seu ensino, mas em ambos, uma vez que a qualidade deste ensino deriva da sua inter-relação, e da capacidade do professor transformar o conhecimento dos conteúdos de ensino em conhecimento de como ensinar, gerando novos sentidos, produzindo novos conhecimentos e, por conseguinte, sendo responsável por novas práticas.

Por último quero apenas dizer que, apesar do meu trabalho se ter centrado na formação inicial dos professores de Artes Visuais, é sem dúvida imprescindível que esta formação nunca acabe, e que as práticas reflexivas, que nela devem ter início, tenham continuidade. Assim, felicito a organização desta conferência por ter promovido um espaço de verdadeira formação, de aprendizagem individual e conjunta, e felicito também todos os que nela participaram contribuindo para que esta *auto-eco-compatibilização* se efectivasse, e para que seja possível, posteriormente, transportá-la para outros lugares de aprendizagem, onde espero que no futuro se desenvolvam práticas que fomentem a literacia artística, numa profunda comunhão entre Arte e Educação, geradora de desenvolvimento cultural no nosso país.

Porto, 30 de Outubro de 2007,